

Os Lusíadas



de

Luís de Camões



CANTO I

ESTROFES	
1 - 3	- Proposição : Camões propõe-se a cantar os feitos dos Portugueses.
4 - 5	- Invocação : O poeta invoca as Tágides (ninfas do Tejo).
6 - 18	- Dedicatória : O poema é dedicado a D. Sebastião.
19	- Narração : A Armada no Oceano Índico.
20 - 41	- Os Deuses discutem no Olimpo . Júpiter e Vénus apoiam os Portugueses, e Baco opõe-se. Marte apoia Vénus.
42 - 99	- A Armada em Moçambique . Vasco da Gama recebe o regedor e este último, incitado por Baco, ataca os Portugueses, mas é vencido. Mostra-se arrependido e oferece um falso piloto ao Gama
100 - 102	- O falso piloto dirige as naus para Quiloa, mas Vénus afasta os Portugueses do perigo de uma emboscada.
103 - 104	Chegada a Mombaça.
105 - 106	Considerações sobre a insegurança e as falsidades da vida.

CANTO II

ESTROFES	
1 - 28	-O rei de Mombaça, mandado por Baco, tenta destruir a Armada Portuguesa atraindo-a ao porto. Vénus pede ajuda às Nereidas e estas afastam as naus. O falso piloto e os mouros julgam ter sido descobertos e fogem.
29 - 32	-Vasco da Gama apercebe-se da cilada e pede a deus que o ajude a chegar à Índia.
33 - 63	-Vénus pede a Júpiter que ajude os Portugueses. Júpiter concorda e profetiza-lhes sucesso. Mercúrio aparece em sonhos ao Gama e diz-lhe para seguir viagem.
64 - 71	-Partida de Mombaça. Os Portugueses capturam um navio e os mouros levam-nos a Melinde.
72 - 91	-Recepção festiva em Melinde.
92 - 113	-O rei de Melinde visita a Armada e pede ao Gama que lhe conte a história de Portugal.

CANTO III

ESTROFES	
1 - 2	-Invocação de Camões a Calíope.
3 - 5	-O Gama resume ao rei de Melinde o que lhe vai contar: terras, gentes e feitos de armas.
6 - 21	-Situação geográfica da Europa e de Portugal
22 - 98	-Viriato, Conde D. Henrique, reis de Portugal (de D. Afonso Henriques a D. Dinis), Egas Moniz, guerras da Reconquista, Batalha de Ourique.
99 - 135	-D. Afonso VI, Batalha do Salado, episódios Líricos de Inês e da formosíssima Maria.
136 - 143	-Reinados de D. Pedro e D. Fernando.

CANTO IV

ESTROFES	
1 - 50	-Mestre de Avis como rei de Portugal, discurso de Nun'Álvares, Batalha de Aljubarrota, conquista de Ceuta.
51 - 65	-Reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.
66 - 93	-Reinado de D. Manuel. Sonho do rei em que aparecem os rios Ganges e Indo a profetizar o sucesso dos Portugueses na Índia. A Armada parte de Belém rumo ao Oriente.
94 - 104	-O Velho do Restelo.

CANTO V

ESTROFES	
1 - 36	-O Gama conta ao rei de Melinde a viagem até ao cabo das tormentas. Partida para o Equador. Fogo de Santelmo. A tromba Marítima. Fernão Veloso na Baía de Santa Helena.
37 - 60	-O gigante Adamastor.
61 - 91	-O Gama acaba o relato da viagem até Melinde. Sofala. O escorbuto. Elogio à coragem dos Portugueses.
92 - 100	-Desânimo do poeta face ao desprezo dos Portugueses pelas Letras, e em especial pela poesia.

CANTO VI

ESTROFES	
1 - 6	- O povo de Melinde festeja os Portugueses. Partida das naus para os mares da Índia.
7 - 37	-Baco fala com Neptuno. Concílio dos Deuses Marinhos. Discurso de Baco. Éolo é incitado a soltar os ventos para impedir a viagem dos Portugueses.
38 - 69	-A bordo, os Portugueses contam histórias para passar o tempo. Fernão Veloso conta o episódio dos Doze de Inglaterra.
70 - 84:	-A tempestade.
85 - 91	-Vénus e as ninfas abrandam os ventos.
92 - 94	-As naus chegam a Calecut. O Gama agradece de novo a Deus.
95 - 99	-Camões medita sobre o valor da glória.

CANTO VII

ESTROFES	
1 - 14	A Armada está na barra de Calecut. Camões elogia o espírito aventureiro dos Portugueses, comparando-os com outros povos que nada fazem.
15 - 22	Entrada em Calecut. Descrição da Índia.
23 - 27	Contacto com o povo desconhecido.
28 - 41	Monçaide descreve o Malabar.
42 - 56	O Gama desembarca e o Catual leva os Portugueses até junto do Samorim.
57 - 66	O Gama visita o Samorim. Acolhimento dos Portugueses.
66 - 77	Paulo da Gama recebe o catual a bordo da Armada.
78 - 87	Camões faz nova invocação às Ninfas do Tejo e do Mondego, e queixa-se da sua infelicidade.

CANTO VIII

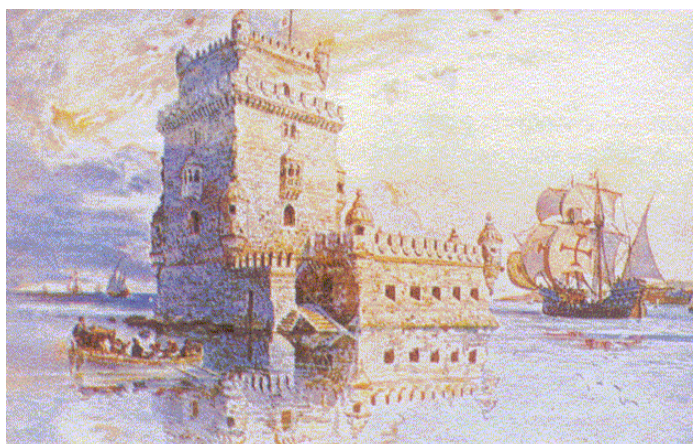
ESTROFES	
1 - 43	Paulo da Gama descreve ao Catual as figuras das bandeiras das naus.
44 - 56	O Catual regressa a terra. Baco intervém de novo, pondo os indianos contra os Portugueses.
57 - 78	O Gama pede para ser recebido pelo Samorim. Este acredita no discurso do capitão e deixa que regresse à sua nau.
79 - 95	O Catual tenta deter Vasco da Gama em terra, mas como tem medo do Samorim, liberta-o a troco de mercadorias. O capitão regressa à nau e ficam dois feitores em terra.
96 - 99	Reflexões do poeta sobre o poder do ouro.

CANTO IX

ESTROFES	
1 - 17	- Em Calecut espera-se uma armada Muçulmana para destruir a Portuguesa. Monçaide avisa o Gama, que levanta âncora, aprisionando os mercadores indianos como castigo. Os mercadores são trocados pelos feitores, e a Armada volta a Portugal.
18 - 50	- Vénus decide recompensar os Portugueses.
51 - 92	- Ilha dos Amores. Descrição e acolhimento das Ninfas aos Portugueses. Tétis recebe o Gama no palácio.
93 - 95	Exortação de Camões aos que sonham com a imortalidade.

CANTO X

ESTROFES	
1 - 143	Ilha dos Amores. Profecia dos feitos dos Portugueses no Oriente feita por uma Ninfa. Invocação a Calíope. A Ninfa continua as profecias. Tétis indica ao Gama os locais onde os Portugueses serão célebres. Os marinheiros despedem-se e partem.
144	Chegada a Portugal.
145 - 156	O poeta lamenta-se e promete a D. Sebastião cantar as futuras glórias e conclui assim a sua dedicatória, encerrando com ela a obra.



O Género Épico

O género épico remonta à antiguidade grega e latina sendo os seus expoentes máximos Homero e Virgílio.

A *epopeia* é um género narrativo em verso, em estilo elevado, que visa celebrar feitos grandiosos de heróis fora do comum reais ou lendários. Tem pois sempre um fundo histórico; de notar que o género épico é um género narrativo e que exige na sua estrutura a presença de uma acção, desempenhada por personagens num determinado tempo e espaço. O estilo é elevado e grandioso e possui uma estrutura própria, cujos principais aspectos são:



PROPOSIÇÃO - em que o autor apresenta a matéria do poema;

INVOCACÃO - às musas ou outras divindades e entidades míticas protectoras das artes;

DEDICATÓRIA - em que o autor dedica o poema a alguém, sendo esta facultativa;

NARRAÇÃO - a acção é narrada por ordem cronológica dos acontecimentos, mas inicia-se já no decurso dos acontecimentos ("in medias res"), sendo a parte inicial narrada posteriormente num processo de retrospectiva, "*flash-back*" ou "*analepse*";

PRESENÇA DE MITOLOGIA GRECO-LATINA -

contracenando heróis mitológicos e heróis humanos.

Estrutura Externa d'Os Lusíadas

A obra divide-se em dez partes, às quais se chama cantos. Cada canto tem um número variável de estrofes (em média de 110). O canto mais longo é o X, com 156 estrofes.

As estrofes são oitavas, portanto constituídas por oito versos. Cada verso é constituído por dez sílabas métricas; nas sua maioria, os versos são heróicos (acentuados nas sextas e décimas sílabas).

O esquema rimático é o mesmo em todas as estrofes da obra, sendo portanto, rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos (AB-AB-AB-CC).

Esta estrutura externa é semelhante à das epopeias clássicas.

Estrutura Interna d'Os Lusíadas

É na sua estrutura interna, isto é, no desenvolvimento do assunto, que Os Lusíadas se revelam mais claramente como uma epopeia clássica apresentando a seguinte estrutura:

Proposição

Canto I, est. 1-3, em que Camões proclama ir cantar as grandes vitórias e os homens ilustres - “as armas e os barões assinalados”; as conquistas e navegações no Oriente (reinados de D. Manuel e de D. João III); as vitórias em África e na Ásia desde D. João a D. Manuel, que dilataram “a fé e o império”; e, por último, todos aqueles que pelas suas obras valorosas “se vão da lei da morte libertando”, todos aqueles que mereceram e merecem a “imortalidade” na memória dos homens.

A proposição aponta também para os “ingredientes” que constituíram os quatro planos do poema:

Plano da Viagem - celebração de uma **viagem**:

“...da Ocidental praia lusitana / Por mares nunca de antes navegados / Passaram além da Tapobrana...”;

Plano da História - vai contar-se a **história** de um povo:

“...o peito ilustre lusitano...” “...as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o império e as terras viciosas / De África e de Ásia...”;

Plano dos Deuses (ou do Maravilhoso) - ao qual os Portugueses se equiparam:

“... esforçados / Mais do que prometia a força humana...” “A quem Neptuno e Marte obedeceram...”;

Plano do Poeta - em que a voz do poeta se ergue, na primeira pessoa:

“...Cantando espalharei por toda a parte. / Se a tanto me ajudar o engenho e arte...” “...Que eu canto o peito ilustre lusitano...”.

Invocação

Canto I, est. 4-5, o poeta pede ajuda a entidades mitológicas, chamadas musas. Isso acontece várias vezes ao longo do poema, sempre que o autor precisa de inspiração:



Tágides ou ninfas do Tejo (Canto I, est. 4-5);

Calíope - musa da eloquência e da poesia épica (Canto II, est. 1-2);

Ninfas do Tejo e do Mondego (Canto VII, est. 78-87);

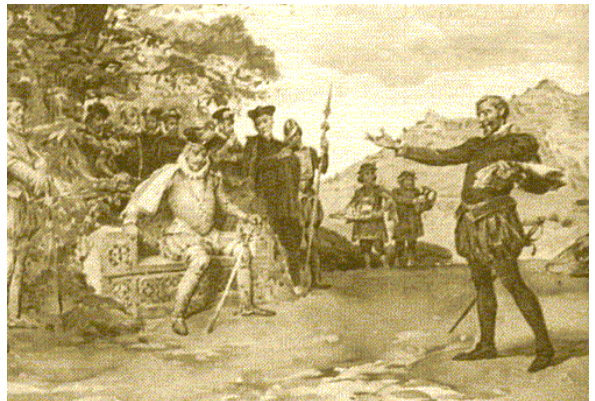
Calíope (Canto X, est. 8-9);

Calíope (Canto X, est. 145).

Dedicatória

Canto I, est. 6-18, é o oferecimento do poema a D. Sebastião, que encara toda a esperança do poeta, que quer ver nele um monarca poderoso, capaz de retomar “a *dilatação da fé e do império*” e de ultrapassar a crise do momento.

Termina com uma exortação ao rei para que também se torne digno de ser cantado, prosseguindo as lutas contra os Mouros.



Narração

Começa no **Canto I, est. 19** e constitui a acção principal que, à maneira clássica, se inicia “*in medias res*”, isto é, quando a viagem já vai a meio, “*Já no largo oceano navegavam*”, encontrando-se já os portugueses em pleno Oceano Índico.

Este começo da acção central, a viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, quando os portugueses se encontram já a meio do percurso do canal de Moçambique vai permitir:

A narração do percurso até Melinde (narrador heterodiegético – 3ª pessoa, não intervem na acção)

A narração da História de Portugal até à viagem (por Vasco da Gama narrador heterodiegético);

A narração da viagem (acção central) por Vasco da Gama, este é narrador homodiegético (personagem participante).

A narrativa organiza-se em quatro planos: o da **viagem**, e o dos **deuses**, em alternância, ocupam uma posição importante. A **História de Portugal** está encaixada na viagem. As **considerações pessoais** aparecem normalmente nos finais

de canto e constituem, de um modo geral, a visão crítica do poeta sobre o seu tempo.

Os Planos Temáticos da Obra

Plano da Viagem

A narração dos acontecimentos durante a viagem entre Lisboa e Calecut:

Plano da História de Portugal

Em Melinde, Vasco da Gama narra ao rei os acontecimentos de toda a nossa história, desde Viriato até ao reinado de D. Manuel I.

Em Calecut, Paulo da Gama apresenta ao Catual os episódios e as personagens representados nas bandeiras das naus.

A história posterior à viagem de Vasco da Gama é-nos narrada em prolepse, através de profecias.



Plano da Mitologia

A mitologia permite a evolução da acção (os deuses assumem-se como adjuvantes ou como oponentes dos portugueses) e constitui, por isso, a intriga da obra.

Plano do Poeta

Considerações e opiniões do autor, expressões nomeadamente no início e no fim dos cantos.